

Doze mortos em um mês e os gestores preocupados apenas com o balanço!

Alguém precisa avisar ao presidente da Petrobrás que a indústria de petróleo mata, que 356 petroleiros morreram nos últimos 20 anos em acidentes de trabalho e que fechar o balanço da empresa neste momento de crise é importante, mas preservar vidas é fundamental. Em menos de um mês, foram 12 vidas perdidas em acidentes que poderiam ter sido evitados, se a segurança dos trabalhadores fosse um bem tão valioso para os gestores quanto os indicadores econômicos.

Aldemir Bendine talvez desconheça essa absurda realidade e, provavelmente, também não tenha noção dos riscos que vivem os petroleiros nas áreas operacionais, onde as gerências fazem o que bem entendem, descumprindo normas de segurança e a legislação, sem que nada lhes aconteça. Enquanto isso, os trabalhadores são mutilados e mortos em acidentes.

A FUP espera que o novo presidente da Petrobrás aponte mudanças estruturais na gestão da empresa, principalmente no que diz respeito ao SMS. É preciso por um ponto final na autonomia absoluta que gozam as gerências, há décadas protegidas pela direção da empresa, como se fossem uma espécie de casta. É essa cultura de desmandos que impede avanços na política de segurança e abre caminho para a corrupção. Já passou da hora da Petrobrás romper com essa herança que remonta aos tempos da ditadura.

Vidas em vão?

Há anos o movimento sindical denuncia problemas graves e estruturais na política de SMS da Petrobrás, inclusive as condições de trabalho e de fiscalização nas empresas contratadas. Em menos de um mês, 12 trabalhadores mor-



reram em acidentes na empresa. Uma sequência de mortes que se arrasta há décadas e que precisa urgentemente ser estancada, com medidas efetivas de prevenção de acidentes.

02/03 – José Edvando Silva do Nascimento, 48 anos, supervisor de manutenção da Usina de Biodiesel de Quixadá, morreu em acidente a bordo de um taxi que o transportava para a unidade junto com outro técnico da usina, que também foi ferido no acidente, mas não corre risco de morte.

22/02 – Rodrigo Antônio de Oliveira, 41 anos, supervisor de operação da Termoeletrica Barbosa Lima Sobrinho (RJ) morreu, após 11 dias internado com queimaduras em 60% do corpo. Ele foi atingido por condensado de vapor em alta

temperatura, durante acidente, causado por vazamento de gás no dia 11/02.

20/02 – Leonardo Resende, 28 anos, vigilante da empresa Servis que prestava serviços na Rlam (BA), morreu em acidente rodoviário, em seu horário de trabalho, quando transportava um colega para um hospital em Candeias. Apesar do deslocamento do vigilante ter sido autorizado pela Segurança Patrimonial da refinaria, a Petrobrás está omitindo o acidente de suas ocorrências.

11/02 – explosão na FPSO Cidade de São Mateus (ES), com 74 trabalhadores a bordo, mata 09 petroleiros e deixa 26 feridos. O processo de resgate dos corpos durou 21 dias e foi finalizado no dia 02/03, com a localização da última vítima fatal, presa nas instalações da plataforma.

Explosão em plataforma da BW, que matou 9 no ES, poderia ter sido evitada



É sempre a mesma história. Por trás de um acidente fatal, há ocorrências e incidentes que já apontavam problemas de segurança e os riscos vividos pelos trabalhadores. Os alertas, no entanto, na maioria das vezes são completamente ignorados pelas gerências, muito mais preocupadas com o cumprimento de metas do que em preservar a vida e a saúde dos petroleiros. Foi o que aconteceu no navio plataforma Cidade de São Mateus, no Espírito Santo, contratado pela Petrobrás e operado pela empresa norueguesa BW Offshore.

Nove trabalhadores morreram e 26 ficaram feridos durante explosão no dia 11 de fevereiro, causada por um vazamento na Casa de Bombas que já era recorrente há mais de um ano. Mortes que poderiam ter sido evitadas, se os gestores da BW e da Petrobrás tivessem cumprido as normas de segurança.

Denúncias documentadas recebidas pela FUP e pelo Sindipetro-ES revelam que um dos trabalhadores feridos na explosão já havia sido vítima de um outro vazamento na mesma Casa de Bombas, no dia 20 de

dezembro de 2013. A gerência da plataforma no entanto, não emitiu CAT e ainda por cima permitiu que o vazamento fosse controlado por gambiarras. Tudo isso para que não houvesse impactos na produção.

Segundo os trabalhadores da BW, o vazamento no sistema de gás da plataforma era crônico e de conhecimento dos fiscais da Petrobrás. “Todo mundo sabia deste vazamento. A Casa de Bombas estava sendo, inclusive, preservada pela empresa, devido aos riscos. O correto seria parar a plataforma

para manutenção e reparo do vazamento, mas nada disso foi feito e perdemos nove companheiros”, denunciou um funcionário da BW, que já trabalhou na plataforma.

FUP e o Sindipetro-ES apresentaram a denúncia à Comissão que apura as causas do acidente, onde os trabalhadores têm uma representação sindical e outra da Cipa. O movimento sindical também denunciará o fato ao Ministério Público do Trabalho, cobrando responsabilização dos gestores por negligência.

CUT intensifica luta pela manutenção dos direitos da classe trabalhadora

A CUT e as demais centrais sindicais organizaram na última segunda-feira (2) mais um protesto contra as Medidas Provisórias 664 e 665 anunciadas pelo governo no fim do ano passado. Desta vez, as ações pela manutenção dos direitos ocorreram em frente às Superintendências Regionais do Trabalho (DRTs), subordinadas ao Ministério do

Trabalho e Emprego (MTE), nas principais capitais do Brasil.

“É uma agenda que vai na contramão do projeto de nação que ajudamos a eleger. Vale lembrar que o seguro-desemprego, o abono salarial, são benefícios que os trabalhadores utilizam para pagar suas contas, para garantir o sustento de suas famílias, ninguém vai comprar

títulos na Bolsa de Valores”, declarou Sérgio Nobre, secretário-geral da CUT, durante o ato na capital paulista.

As medidas foram encaminhadas ao Congresso Nacional e receberam 741 emendas. Agora, passarão pela análise de comissões mistas - formadas por deputados e senadores - e, caso aprovadas, vão à votação

nos plenários da Câmara e do Senado.

No próximo dia 13 de março, data que ficará marcada pela grande mobilização nacional em Defesa da Petrobrás, do Brasil, da democracia e da Reforma Política, a pauta da classe trabalhadora também será uma das bandeiras de luta das manifestações.

Desinvestimento é privatização! Não aceitaremos retrocessos!

No momento em que trabalhadores e movimentos sociais colocam na rua uma campanha nacional em defesa da Petrobrás, o governo escolhe o caminho oposto e anuncia um “plano de desinvestimento” para se desfazer de ativos valiosos da estatal, como termoelétricas e campos de produção. Ou seja, em vez de fortalecer a Petrobrás e enfrentar os ataques que a empresa sofre, ampliando ou pelo menos mantendo seus investimentos no Brasil, o governo cede novamente ao mercado e aceita entregar parte da companhia de bandeja às multinacionais.

Para a FUP e seus sindicatos, isso é privatização, uma agenda da direita neoliberal que derrotamos nas urnas. Não aceitaremos que um governo popular, eleito com apoio da classe trabalhadora e dos movimentos sociais, aplique na Petrobrás o mesmo receituário dos anos 90, contra o qual tanto lutamos. Os petroleiros lutarão contra o retrocesso e intensificarão a campanha em defesa da Petrobrás.



AGENDA TUCANA - O anúncio do tal “plano de desinvestimento” aconteceu logo após o senador José Serra (PSDB/SP) ter afirmado em entrevista que o governo deveria vender parte da Petrobrás ao setor privado. Parece até que os “conselheiros” da presidenta Dilma estão fazendo o jogo da oposição. O tucano chegou a citar ativos dos quais se livraria, como, por exemplo, as termoelétricas e plantas de fertilizantes. E

pelo jeito, há setores do governo que comungam das mesmas ideias.

Além de estar na contra-mão de tudo o que os trabalhadores defendem para a Petrobrás, a venda de ativos da empresa no Brasil só fortalece a tese dos que defendem a sua privatização, como José Serra, que acredita que a estatal “tem que ser enxugada para sobreviver”.

É um terrível equívoco, por exemplo, a Petrobrás

se desfazer das termoelétricas, que têm sido tão fundamentais no combate à crise energética. Além disso, ao privatizar ativos que têm sido importantes para a geração de empregos e renda no país, o governo coloca em xeque o projeto desenvolvimentista e de conteúdo nacional.

Mais do que nunca, é fundamental que os trabalhadores ocupem as ruas no próximo dia 13, em defesa da Petrobrás e do Brasil.

Todos às ruas dia 13 de março! Defender a Petrobrás é defender o Brasil

Na sexta-feira, 13 de março, uma grande mobilização nacional agitará o país contra as tentativas de privatização da Petrobrás, em defesa dos direitos da classe trabalhadora, contra o financiamento pri-

vado de campanhas eleitorais e por um Plebiscito Constituinte para a reforma do sistema político. O ato será a segunda mobilização da ampla campanha nacional em Defesa da Petrobrás e do Brasil, iniciada

no último dia 24, na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Rio de Janeiro.

A CUT e a FUP conclamam todas as trabalhadoras e trabalhadores, militantes, dirigentes sindicais e movimen-

tos sociais a comparecerem às manifestações que se espalharão por diversos estados do país. Este é o momento de intensificar a luta em defesa da Petrobrás e contra todas as formas de retrocessos.

Edição 1173 – Boletim da FEDERAÇÃO ÚNICA DOS PETROLEIROS Filiada à CUT www.fup.org.br

Av. Rio Branco, 133/21º andar, Centro, Rio de Janeiro - (21)3852-5002 imprensa@fup.org.br Edição: Alessandra Murteira - MTb 16763

Texto: Alessandra Murteira e Caroline Cavassa - Projeto gráfico e diagramação: Claudio Camillo - MTb 20478 Diretoria responsável por esta edição:

Caetano, Chicão, Castellano, Chico Zé, Dary, Divanilton, Enéias, Leopoldino, Moraes, Paulo Cesar, Silva, Silvaney, Simão, Ubiraney, Zé Maria.

Edição Especial do Primeira Mão destaca luta do Coletivo Nacional de Mulheres Petroleiras da FUP

Foto Divulgação



Em virtude do importante e histórico Dia Internacional da Mulher, o Coletivo Nacional de Mulheres Petroleiras da FUP lançou uma edição especial do Primeira Mão que destaca as principais lutas das mulheres petroleiras e demais companheiras de outras categorias pelo reconhecimento político e igualdade.

A história comprova que vida de mulher não é nada fácil. Mesmo nos dias de hoje, onde existem mais direitos legais e sociais do que em tempos passados, ainda há muita desigualdade de gênero na sociedade. A igualdade de oportunidades e a criação de condições para o desenvolvimento das mulheres ainda são desafios, seja na esfera pública (como mercado de trabalho e atividades

políticas) ou privada (ambiente familiar). Pesa sobre as mulheres as diversas formas de violência às quais estão expostas, como a física, sexual, emocional e institucional; a desvalorização do trabalho e do emprego; a mortalidade materna; a exclusão dos espaços de poder e de decisão política, entre tantas outras situações. O modelo de sociedade capitalista, além de reforçar a desigualdade na divisão sexual, ainda se apropria da imagem e do corpo da mulher ao tratá-la como mercadoria e banaliza a exploração sexual. As mulheres são consideradas alvos estratégicos do consumismo e o apelo sexual é o elemento central deste método. É também no terreno da sexualidade que a força repressiva das instituições religiosas e fundamentalis-

tas têm produzido controle e abusos em defesa de princípios pra lá de arcaicos. A reflexão que se faz hoje é a de se pensar democracia a partir das mulheres organizadas, enquanto sujeito político, movimento social, cultural e político, portador de visões feministas e de contribuições para a construção de novos mundos e de novas relações, enfim, de uma nova sociedade. Toda conquista das mulheres é forjada na luta feminista organizada. O caminho para avançar é o da participação social das mulheres.

Para ler a íntegra da Edição Especial Mulheres, acesse este link <http://www.fup.org.br/2012/publicacoes/primeira-mao/2224280-8-de-marco-primeira-mao-especial-mulheres-na-pagina-da-fup>